



**XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL
PROCESSO CIVILIZADOR**

10, 11, 12 e 13 de novembro de 2009

RECIFE/BRASIL

Civilização e Contemporaneidade

A CONTRIBUIÇÃO DE NORBERT ELIAS PARA UMA CONTEMPORÂNEA TEORIA DE REDES SOCIAIS

Daniela Pedrosa Barreto
FAFIRE
danielabarreto_br@yahoo.com.br

Davi Kiermes Tavares
UFPE
dakitaa@yahoo.com.br

Francisco Xavier dos Santos
UFPE
frantchescko@yahoo.com.br

Wellington Duarte Pinheir
UFPE
pinheiraosociais@yahoo.com.br

Resumo: A integração da temática rede nas ciências sociais corresponde à necessidade da construção de um pensamento complexo face às “multideterminações da realidade social”. A tese de uma rede em constante movimento aparece para Elias como um conceito adequado para explicar a dinâmica das relações humanas que não podem ser reduzidas nem à liberdade individual nem apenas ao constrangimento coletivo. O objetivo deste ensaio, então, é demonstrar a contemporaneidade das reflexões elisianas para prover a teoria de redes sociais de valor heurístico e estratégico em face à realidade complexa e paradoxal de mundialização que se vivencia no mundo presente.

Palavras-chave: Norbert Elias; Rede Social; Indivíduo.

Abstract: The integration of the thematic net in the social sciences corresponds to the necessity of the construction of a complex thought face to the “multideterminations of the social reality”. The theory of a net in constant movement appears for Elias like a concept adapted to explain the dynamic one of the human relations that cannot be reduced not even to the individual freedom you do not even punish to the collective embarrassment. The objective of this I practice, then, is going to show the contemporary nature of the reflections elisianas for supply the theory of worthy social nets heurístico and strategic in face to the paradoxical and complex reality of mundialização that is experienced in the present world.

Keywords: Norbert Elias; Social Net; Individual.

1. INTRODUÇÃO

Com a mudança do regime de acumulação fordista para o de acumulação flexível a partir da década de 1970, desencadearam-se debates sobre as transformações nas relações entre indivíduo e sociedade que os processos resultantes, especialmente, da globalização com a aceleração das relações sociais econômicas, políticas e culturais em escala mundial e da compressão tempo-espço que, considera Harvey (1999), foram resultantes dos processos de internacionalização da economia mundial e das reestruturações das relações da sociedade de indivíduos cada vez mais global.

Através desse processo de mundialização das relações econômicas e de expansão material e espiritual de um processo civilizatório (IANNI, 1997), houve transformações no que diz respeito, direta e indiretamente, à relação do indivíduo com a sociedade. Tais categorias (indivíduo e sociedade) emergiram sob novos enfoques mudando seu significado crítico e sócio-espacial e histórico.

Conforme assinala Bourdieu (2002), o que se delineou, no período assinalado, foi um programa de destruição das estruturas coletivas e a formação de uma nova ordem fundada no culto ao indivíduo, autônomo, cada vez mais auto-regulado e auto-suficiente. Nesse âmbito, por sua vez, Elias considera que “Em cada passagem de uma organização de sobrevivência predominante para outra, que abrange mais pessoas, e que é mais complexa e diferenciada, a posição dos homens singulares transforma-se, de modo próprio, em relação à unidade social que eles formam em conjunto” (1993, p. 185).

A relação indivíduo/sociedade se transforma e indica, portanto, “a passagem para o predomínio de um novo tipo abrangente e mais complexo da organização humana” sendo “acompanhada (...) de outro padrão de individuação” (ELIAS, 1993, p. 189) que obriga os indivíduos “a agirem cada vez menos por conta própria, retirando-se assim o sentido e responsabilidade de uma escolha sensata” (AZEVEDO, 1998, p. 129). Ou seja, cada vez mais o indivíduo na sociedade global é levado a se tornar “dono” de suas próprias escolhas num processo, portanto, de objetivação e subjetivação das opções e posições sociais que o sujeito ocupa, almeja ou sonha em chegar.

Essa realidade, desse modo, alterou os paradigmas de interpretação do mundo havendo uma mudança (uma “ruptura”) epistemológica com as teorias da modernidade que “tendenciam” a ceder “lugar” para as perspectivas pós-modernas ou para “outras” teorias que defenderiam uma segunda modernidade: tardia, reflexiva, entre outros termos que emergiram e/ou derivaram desse turbulento momento histórico de ajustamento sócio-espacial das relações sociais.

Posto isso, apesar da noção de rede social vir ganhando visibilidade teórica entre os estudiosos como um instrumento de estudo da realidade atual, é certo que a mesma ainda é carregada de uma série de ambigüidades entre as quais destacamos - como das mais importantes - aquela que resulta da indecisão sobre a natureza sociológica da rede social: trata-se de um sistema de ação produzido por uma articulação racional e desejada entre os atores envolvidos com um fenômeno social em foco ou, diferentemente, a rede social tem a ver com um sistema complexo diferente dos indivíduos que dela fazem parte, o qual se impõe sobre as vontades individuais?

No lado contrário, existem concepções de redes sociais que dão ênfase às estratégias individuais dos atores sociais na construção de laços sociais fortes. Estes laços são importantes para fazer frente a situações sociais adversas como o desemprego, por exemplo, em detrimento do peso das determinações estruturais e coletivas (GRANOVETTER, 1983). Na verdade, esta polarização entre as abordagens individualistas e holistas não é novidade, constituindo um dos dilemas básicos da sociologia. Isto é, a dualidade clássica entre indivíduo e sociedade continua a suscitar

reações calorosas ainda hoje no debate acadêmico conforme confirmam estudiosos da teoria social (CORCUFF, 2001). Por conseguinte, para que a noção de rede social não perca todo seu valor heurístico e estratégico é necessário se adotar firmemente outra visão mais complexa, pela qual se possa demonstrar que aquela dualidade é ilusória, não dando conta adequadamente do caráter sistêmico e interativo da ação social.

Para avançarmos nessa direção encontramos apoio esclarecedor de alguns grandes nomes e teorias da sociologia que vêm questionando o valor dessas dualidades constitutivas da ação social (indivíduo x sociedade, mas igualmente objetividade x subjetividade, realidade x simbólico etc.). Entre essas teorias, como das mais férteis, aparecem aquelas que buscam superar o enfoque causalista próprio de procedimentos explicativos inspirados pelo positivismo clássico, para incorporar abordagens compreensivas que integrem a idéia de paradoxo (MAUSS, 2003; BAUMAN, 1998). Entende-se que tanto a visão estruturalista como a individualista de redes sociais são limitadas, não dando conta do caráter mais complexo e amplo da rede social na constituição da ação social.

No resgate da noção de rede nesta abordagem mais complexa e ampla (que integra sem contradições os olhares do todo e das partes) acredita-se, pois, na contribuição de Norbert Elias. Este teórico desenvolveu reflexão no sentido de superar a oposição indivíduo versus sociedade ao introduzir a idéia de interdependência entre os dois pólos – uma dicotomia clássica. Nesse sentido, propôs, explicitamente, a noção de redes de função. Essa possibilita a compreensão de rede social para além daquela dualidade, tornando-a, assim, menos limitada como referencial e mais adequada para o estudo de uma sociedade cada vez mais complexa. Assim, o objetivo deste ensaio é demonstrar a contemporaneidade das reflexões desse autor para prover a teoria de redes sociais de valor heurístico e estratégico em face à realidade complexa e paradoxal de mundialização que se vivencia hodiernamente.

2. NORBERT ELIAS E A SOCIEDADE DOS INDIVÍDUOS

No seu livro *A Sociedade dos Indivíduos*¹, o teórico alemão propõe alguns conceitos como os de dependência, interdependência, rede de funções, contexto social e estrutura com o intuito de demonstrar que as idéias de indivíduo e de sociedade são estreitamente articuladas por um processo interativo mais amplo. Em várias de suas reflexões, ele deixa claro que o desafio é complexo e que não se pode reduzir uma coisa a outra:

Ela (a sociedade) só existe porque existe grande número de pessoas; só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e, no entanto, sua estrutura e suas transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa particular (ELIAS, 1994, p. 13).

¹ Trata-se de algo incomum de se falar, uma vez que a sociedade é composta de indivíduos, e esses existem em sociedade, mas como, na visão do autor, existe um abismo entre as noções de indivíduo e de sociedade, justifica-se essa forma de utilização como uma figura de linguagem. No fundo, o sociólogo alemão chama atenção para o fato de que não há sociedade sem indivíduos; ela só é por causa deles.

Ao refletir a relação indivíduo/sociedade Elias entende o *social*, o *todo*, enquanto um *conjunto de relações*.² Dessa forma, a sociedade pode ser percebida como uma rede de indivíduos em constante relação, sugerindo a idéia da interdependência.

Numa palavra, cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependentes de outrem e tornaram outros dependentes dela. Ela vive, e viveu numa rede de dependências (Ibid, p. 22).

Sociedade para Elias se constituiria a partir dessa rede de funções/relações desempenhadas pelas pessoas. O autor usa a metáfora da rede para explicitar sua concepção relacional de sociedade. Ele diz:

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca (ELIAS, 1994, p. 35).

A sociedade dos indivíduos para Elias é uma rede de relações sociais que produz “fenômenos reticulares” através das diferentes funções sociais que, na sua divisão, produzem indivíduos iguais e diferentes. Através da rede humana móvel de relações ocorrem diferentes formas de auto-regulação da sociedade que modelam indivíduo e sociedade, no tempo e no espaço. Assim, para Elias, o indivíduo em sociedade é uma “rede” que produz fenômeno reticulares situados no interior de relações de interdependências, de tensões, de auto-regulação e de poder; logo, para o autor “esse continuum da sociedade humana é uma ‘máquina de motor perpétuo’. Sem dúvida, esse continuum constantemente extrai energia física do mundo a seu redor”. E esse “continuum de seres humanos interdependentes tem um movimento próprio nesse cosmo mais poderoso, uma regularidade e um ritmo de mudança que, por sua vez, são mais fortes do que a vontade e os planos das pessoas individualmente consideradas” (Ibid., pp. 45- 46).

Segundo Elias, o desafio é compreender como se dá a relação da parte com o todo:

O que nos faltam [...] são modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível no pensamento aquilo que vivenciamos diariamente na realidade, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como aqueles formam uma sociedade e como sucede essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue

² Comentando essa idéia central do pensamento social elisiano, considera Waizbort (1999, p. 92): “O que o constitui é o conjunto das relações que se estabelecem a cada momento, entre o conjunto dos elementos que o compõem. Tais relações são sempre relações em processo, isto é: elas se fazem e desfazem, se constroem, se destroem, se reconstroem, são e deixam de ser, podem se refazer ou não, se rearticular ou não. As relações nunca são sólidas e petrificadas; a cada instante ou elas se atualizam, ou se ergarçam, ou se fortificam, ou se mantêm, ou se enfraquecem. Mas, como quer que seja, há a cada instante algo vivo, em processo.”

um curso não pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõem (Ibid., p. 16).

A questão subjacente é que o todo é diferente das partes que o compõem, e as leis que governa o todo não podem ser compreendidas a partir de análise dos seus elementos isolados. Para que haja verdadeira compreensão dos fenômenos sociais, é necessário que se rompa com o antagonismo dos dois conceitos ou das duas interpretações. As pessoas vivem em redes de dependência, difíceis de serem rompidas. Essas redes são diferentes em cada sociedade. O modo como o indivíduo se comporta é determinado por suas relações passadas ou atuais com as outras pessoas. E a interdependência das funções humanas sujeita e molda, de forma profunda, o indivíduo.

As redes humanas têm uma ordem e leis diferentes daquelas planejadas e desejadas pelos indivíduos que a compõem. Pelo fato de os seres humanos não estarem tão presos, como outros animais, às determinações biológicas, é que o entrelaçamento das suas atividades dá origem a essas leis e estruturas de um tipo especial. Por essa razão, as redes têm mecanismos automáticos de mudança e transformações históricas que independem da vontade dos seus componentes tomados isoladamente, mas estas não são caóticas, e sim sociais.

Com vista a superar o dilema, o autor avança numa compreensão dinâmica de totalidade:

Consideradas como totalidades (as sociedades) são sempre mais ou menos incompletas: de onde quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal em direção ao passado e ao futuro. (...) Trata-se, na verdade, de um fluxo contínuo, uma mudança muito rápida ou mais lenta das formas vivas; nele, só com grande dificuldade o olhar consegue discernir um ponto fixo (ELIAS, 1994, p. 20).

Progressivamente, então, a tese de uma rede em constante movimento aparece para Elias como um conceito adequado para explicar a dinâmica das relações humanas que não podem ser reduzidas nem à liberdade individual nem apenas ao constrangimento coletivo. A rede em movimento é um urdir e desurdir ininterruptos das ligações. “Assim, efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar” (Ibid., p. 34). Por conseguinte, esclarece, ainda, por trás das pessoas apressadas, dos indivíduos isolados, e apesar de toda a liberdade individual de movimento que essas pessoas revelam, existe uma “ordem oculta” e não diretamente perceptível pelos sentidos: “A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamentos possíveis” (Ibid., p. 21).

3. AS REDES SOCIAIS

A noção de *rede* perpassa o campo das ciências desde as experimentais, passando pelas aplicadas até as humanas. Nessas últimas, encontramos alguma diversidade nos usos deste termo. Cada sentido que essa noção adquire reflete os pressupostos teórico-epistemológicos de seu uso.

3.1 As redes sociais e sua relevância sociológica

Da perspectiva das ciências humanas (mais especificamente das ciências sociais), o conceito de rede goza de grande prestígio. Porém, há questionamentos, na literatura sobre o

assunto, se o termo designa, efetivamente, uma teoria social.³ Por exemplo, para Barnes (1987), o termo não designa uma teoria social; ele é extremamente versátil e pode, portanto, ser apropriado, incorporado e adaptado a diferentes teorias, mas não seria propriamente uma teoria. Na visão desse autor, a expressão rede social seria mais uma ferramenta conceitual, analítica e metodológica útil para descrever uma série de situações sociais. Johnson,⁴ por sua vez, considera que rede social “não seria uma teoria no sentido de um conjunto de proposições interligadas e que podem ser testadas” (1994 apud FONTES e EICHNER, 2004, p. 219).

De outra posição, há aqueles que advogam as redes sociais como uma teoria ou mesmo como um novo paradigma nas ciências sociais. É o caso de autores como Martins (2004, p. 22), Fontes (2004, p. 57), Portugal (2004, p. 125) que utilizam *ipsis litteris* a expressão “teoria das redes sociais”.

Portugal (2007, p. 8-9), distanciando-se da posição de Barnes, expõe que as redes sociais denotam mais que um método ou um conjunto de técnicas de análise da realidade social: constituem uma perspectiva teórica no campo das ciências sociais, ao lado de várias outras perspectivas, embora também não cheguem a formar “um novo paradigma” no sentido atribuído por Kuhn.⁵ Para essa autora, o campo teórico da sociologia não constitui um bloco monolítico; várias perspectivas diferenciadas coexistem sem que nenhuma possa ser identificada como o paradigma dominante.

Seja ou não uma teoria, o conceito de rede se tornou crucial na teoria sociológica, não só porque é extremamente útil para descrever um conjunto de situações sociais que escapulam da alçada de análise do modelo funcionalista-estrutural, mas sobretudo porque o conceito traz em seu bojo a possibilidade de superação desse impasse. Embora ainda herdeiro dos antigos dilemas que polarizam as ciências sociais – a dualidade clássica entre o indivíduo e a sociedade que se reproduz na oposição teórica entre o estruturalismo e o individualismo metodológico. É nesse sentido que Martins (2004) aborda a noção de rede a partir das questões da complexidade e do paradoxo. Por isso, pensa o autor, subjacente à teoria das redes está o princípio do paradoxo. Portanto, a integração da temática rede nas ciências sociais corresponde à necessidade de elaboração de um pensamento complexo sobre a realidade social: por acentuar as “multideterminações da realidade social”, o princípio do paradoxo permite à teoria sociológica ir além das dicotomias clássicas (indivíduo x sociedade; ação x estrutura; micro x macro; etc.) que se traduzem numa visão simplista e reducionista da realidade social, para incorporar a idéia de incerteza, de complexidade, ou seja, da sociedade como “fato social total” (Id., p. 24-29).

Desse modo, numa visão compartilhada por vários autores, o grande feito que o conceito de rede produziu foi permitir focar a análise não nos atributos individuais ou na estrutura social – aqui entendida como um conjunto de normas, papéis e valores culturais que orientam a conduta dos indivíduos –, mas nos processos interativos (conjuntos de relações que ocorrem num dado momento).

Wasserman e Faust⁶ preferem usar a designação “estrutura de relações” quando se referem a esses processos. Para eles, as estruturas de relações “são meios que configuram oportunidades ou constroem a ação individual” (1999 apud PORTUGAL, 2006, p. 54).

³ Cf. Fontes e Eichner (2004)

⁴ JOHNSON, Jeffrey. Antropological contributions to the study of social network. In: WASSERMAN, Stanley; GALASKIEWICZ, Joseph. (1994). **Avances in social networks analysis**. Reserch in the social and behavioral sciences. Londres: Sage.

⁵ No sentido de uma revolução científica em que as novas visões e idéias se impõem sobre as anteriores, enfraquecendo-as e muitas vezes eliminando-as.

⁶ WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social Network Analysis. Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

A análise das redes permite, portanto, focar a atenção no comportamento individual, sem perder de vista a sua inserção nas estruturas sociais (Id., 2007, p. 12). Dessa forma, a potencialidade analítica do conceito de rede é que ele permite pensar a ação e a estrutura não como instâncias contraditórias e opostas, mas como interdependentes e complementares. Sua contribuição no âmbito da sociologia é inegável. Como bem coloca Portugal, “A *network analysis* trouxe novos princípios analíticos, novas linguagens e novos dados para a teoria sociológica, permitindo analisar a estrutura social a partir de uma perspectiva relacional e (re)colocando no centro do questionamento o elemento básico da sociologia: a interação social” (Idem, p. 30).

Vale acrescentar que, além de sua relevância do ponto de vista teórico, o conceito de rede tem uma importância na práxis: ele é estratégico para se promover (e implementar) “novas metodologias de intervenção social” e novas modalidades de práticas sociais e políticas, sobretudo aquelas relacionadas à construção de “esferas públicas democráticas” (MARTINS, op. cit., p. 22).

3.2. O papel das redes sociais na sociedade contemporânea

Na medida em que se faz necessário destacar a vida cotidiana como espaço estratégico para a articulação política e institucional das comunidades e grupos sociais, e também como produtoras de solidariedades, dádivas e reciprocidades ampliadas, as redes sociais aparecem como um conceito sociológico importante.

As profundas reestruturações porque passaram e passam as sociedades contemporâneas têm impactos bastante significativos em várias esferas da vida social. Assim, pois, é interessante verificar quais as tendências de mudança que se pode observar nos arranjos de sociabilidade que resultam em produção de solidariedade. Isto é, “admita-se que os laços mantenedores do vínculo social de certa forma também se adaptam às mudanças recentes, e que haveria outros mecanismos produtores de solidariedade substitutos dos anteriormente dominantes que não seriam mais adequados” (FONTES, 2004, p. 57). Esses novos mecanismos seriam as redes sociais que, no caso, entre outras possibilidades, podem ser entendidas como “as pontes que ligam os indivíduos às instituições sociais e estruturam suas biografias em inserções sociais que garantem suas identidades” (id., *ibid.*). São essas redes sociais (redes de solidariedades)⁷ que se

constituem em um verdadeiro ‘colchão’ amortecedor das situações de crise, em um receptáculo de suportes não normalmente oferecidos pelos tradicionais espaços de alocação de recursos. As redes de solidariedade são lembradas como instrumento importante no enfrentamento de situações adversas pelos pobres urbanos, principalmente em situações de insegurança econômica e de falência dos serviços públicos (Idem, p. 60).

Conforme análise de Álvarez Arzate (1999),

Existe un criterio más o menos generalizado que aborda la vida moderna como un momento en que se destruyen las relaciones entre las personas y entre las comunidades. Parece que las relaciones tienden a ser meramente laborales e instrumentales, lo cual lleva a la destrucción de las motivaciones acerca del afecto, la espiritualidad y el altruismo.

⁷ Para Fontes (2004), as redes sociais que se estabelecem na periferia são redes de solidariedade. A esse respeito, cf. também Fontes e Eichner (2004).

Sin embargo, nos damos cuenta de que esto no es cierto, en el estudio de las culturas hemos constatado que vive activamente una trama inmensa de relaciones y redes sociales, que especialmente en los países del sur, permite la subsistencia social, política, cultural y económica de grandes conjuntos poblacionales. Y por si fuera poco, vamos buscando su base y también encontramos que se trata no solo de redes sociales entre grupos, sino también entre personas, incluso en el plano de la amistad. Lo más interesante es que todas las personas acudimos a las redes sociales para salir adelante con nuestros planes y metas.

As redes sociais, na compreensão dessa autora, são estabelecidas e estruturadas sobre alguns elementos:

- a) amizade (“La amistad puede trascender límites de espacio, tiempo y condición.”);
- b) relação “diálica” (“Las relaciones diálicas surgen cuando dos personas establecen interacción directa con fines comunes, pero que no necesariamente son amigos o amigas entre sí.”);
- c) clientelismo (“Las relaciones de clientelismo son muy poderosas en el mundo contemporáneo. Consisten en un intercambio continuo de favores entre dos personas, entre una persona y un grupo, entre un grupo y otro grupo, y entre un grupo y otros grupos.”);
- d) reciprocidade (“La reciprocidad es también una forma particular de redes sociales. Consiste en dar, recibir y devolver, ya sea bienes materiales, favores, elementos rituales, simbólicos, y especiales. La forma más simple consiste en dar, recibir y devolver de manera inmediata y equivalente, por ejemplo frutas por dinero.”);
- e) compadrio/comadrio (“Una forma especial de redes sociales está constituida por los compadres y las comadres, se trata de una relación intencional, en la cual, los padres de un niño o niña, eligen y piden a dos personas que sean padrinos de su vástago, con el fin de que en caso de faltar o fallecer uno o ambos padres, los compadres y comadres asuman la educación y manutención de los ahijados.”).

Apesar dos argumentos a favor das redes sociais serem fortes, argumentos contrários são também levantados por conta de alguns problemas que acontecem na teia reticular social. O ser humano, complexo e contraditório, infelizmente deixa desenvolver certas fissuras por onde se fragmenta não só uma ou várias redes sociais a que pode pertencer os indivíduos e os grupos, e também fragmenta a integridade física, moral e espiritual das pessoas. Situações como a velhice, a enfermidade, o desemprego, a queda no status sócio-econômico e a solidão exemplificam isso. Não faltam situações para ilustrar as falhas das redes sociais que fazem “vista grossa” para ignorar suas responsabilidades de fidelidade e solidariedade, seja por comodidade, seja por indiferença, seja ainda por vontade expressa.

Contrapondo ao exposto, é necessário advertir, como falava Hinkelhammert (1990), que a solidariedade é a forma mais potente de fazer frente a um mundo mundializado. Nesse contexto, as redes sociais são um fator de coesão em torno de interesses comuns e de sobrevivência social, econômica, política e cultural dos diversos grupos sociais.

4. CONCLUINDO

Consoante o objetivo deste ensaio, procurou-se relevar a contribuição de Elias para um conceito de rede social dinâmico e coerente face aos desafios que a sociedade atual oferece aos que nela vivem.

Mencionou-se anteriormente que o conceito de rede produziu grande feito ao centrar o foco de análise não nos atributos individuais ou na estrutura social, mas nos

processos interativos (conjuntos de relações que ocorrem num dado momento). Para acontecer assim, as reflexões de Norbert Elias se fizeram (fazem) oportunas.

De fato, a presença da polarização entre abordagens individualistas e holistas na discussão sobre redes sociais não é novidade. Essa dicotomia, tão de agrado de muitos sociólogos ainda hoje, faz com que a noção de rede perca seu caráter inovador “para aparecer como mais um recurso na moda para justificar os mecanismos de explicação tradicionais da ação social, que é o caso quando a rede aparece, ora como expressão da ação racional e instrumental individual/grupal, ora como uma estrutura funcional e inumana” (MARTINS, 2004, p. 29).

Então, a teoria das redes sociais como uma teoria complexa – pois busca superar os enfoques causalista e dualista – estaria/está a necessitar de sua valorização e reconhecimento enquanto tal. Pois só assim será capaz de ser um novo paradigma a dar conta de um mundo social cada vez mais paradoxal, incerto e complexo.

Por fim é necessário enfatizar que o resgate do pensar elisiano contribui para uma compreensão reticular da “sociedade dos indivíduos”. Sobretudo porque ensina demonstrando e problematizando que a relação sociedade e indivíduo deve ser compreendidos na sua multidimensionalidade das relações sociais, de auto-regulação das emoções e do desenvolvimento de estratégias racionais de autocontrole, onde todos os indivíduos são considerados participantes e modeladores, em diferentes graus ou natureza na sociedade. As redes sociais, os fenômenos reticulares, as tensões, o poder, as estruturas específicas e gerais da sociedade dos indivíduos produzem diferentes relações na imensa e complexa teia humana móvel de funções sociais e nas suas divisões dessas funções.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sônia (2007). Redes Sociais e Teoria Social: revendo os fundamentos do conceito. Revista Informação & Informação. Londrina, v. 12, n. esp. Disponível em: <<http://www2.uel.br/revistas/informacao/include/getdoc.php?id...>>. Acessado em 25 ago. 2008.

ÁLVAREZ ARZATE, María Dolores (1999). **El Papel de las Redes Sociales en la Cultura Contemporânea.** Disponível em: <<http://www.puntos.org.ni/sidoc/descargas/basevirtual/Políticas%20sistemas%20y%20procesos/El%20papel%20de%20las%20Redes%20Sociales%20en%20la%20cultura%20contemporanea.doc>>. Acessado em: 25 ago. 2008.

AZEVEDO, Adriana. Serviço Social e marxismo: uma discussão da problemática do indivíduo. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 57, São Paulo, Cortez, 1998, pp.109-132.

BARNES, J. (1987). Redes Sociais e Processo Político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.) (1987). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas.** São Paulo: Global Universitária.

BAUMAN, Zygmunt (1998). **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BECK, Ulrich. **Liberdade ou Capitalismo.** São Paulo: UNESP, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CORCUFF, Phillip (2001). **As Novas Sociologias: construção da realidade social.** São Paulo: EDUSC.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e Distanciamento.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

_____. **A Busca da Excitação.** Lisboa: Difusão Editorial, 1985.

- _____. **A Sociedade de Corte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- _____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **Introdução a sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- _____. **O Processo Civilizador: formação do estado e civilização**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- _____. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1
- _____. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FONTES, Breno (1997). **Redes de Solidariedade e Movimentos Reivindicatórios Urbanos**. Congresso da LASA (Latin American Studies Association). México. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lasa97/fontes.pdf>> Acessado em 20 mar. 2008.
- _____. (2004). Capital Social e Terceiro Setor: sobre a estruturação das redes sociais em associações voluntárias. In: MARTINS, Paulo H.; FONTES, Breno (Orgs.) (2004) **Redes Sociais e Saúde: novas possibilidades teóricas**. Recife: Editora Universitária da UFPE. pp. 49-75.
- FONTES, Breno; EICHNER, Klaus. (2004). A Formação de Capital Social em uma Comunidade de Baixa Renda. In: MARTINS, Paulo H.; NUNES, Brasilmar F. (Orgs.) (2004). **A Nova Ordem Social: perspectivas da solidariedade contemporânea**. Brasília: Paralelo 15. pp. 215-241.
- GRANOVETTER, Mark (1983). The Strength of Weak Ties: a network theory revisited. In: COLLINS, Randal (Ed.) (1983). **Sociology Theory**. São Francisco: Jossey-Bass.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, Loyola, 1999.
- HINKELAMMERT, Franz. La crisis del socialismo y el tercer mundo. **Revista Pasos**, N. 30. Jul,-Ago., San José Costa Rica. 1990.
- IANNI, Octávio. **A Sociedade Global**. 5ª ed. São Paulo: Record, 1997.
- MARTINS, Paulo H. (2004). As Redes Sociais, o Sistema da Dívida e o Paradoxo Sociológico. In: MARTINS, Paulo H.; FONTES, Breno (Orgs.) (2004) **Redes Sociais e Saúde: novas possibilidades teóricas**. Recife: Editora Universitária da UFPE. pp. 21-48.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dívida: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: _____. (2003). **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify.
- PORTUGAL, Sílvia (2006). Quanto Vale o Capital Social? O Papel das Redes Informais na Provisão de Recursos. In: MARTINS, Paulo H.; FONTES, Breno (Orgs.) (2006). **Redes, Práticas Associativas e Gestão Pública**. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- _____. (2007). **Contributos para uma Discussão do Conceito de Rede Social na Teoria Sociológica**. Coimbra, Oficina do CES, nº 271, mar. Disponível em:<<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>> Acessado em 13 mai. 2008.
- _____. (2004). As Mãos que Embalam o Berço: um estudo sobre as redes informais de apoio à maternidade. In: **Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Sociologia da UFPE**, v. 10, n. 1, 2, jan./dez., Recife, UFPE.
- WAIZBORT, L. (Org.). **Dossiê Norbet Elias**. São Paulo: EDUSP, 1999.